

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

IVANA SOARES MÓES

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UM ESTUDO SOBRE A RESPONSABILIDADE
SOCIAL E COLETIVA**

**Aracaju – SE
2019**

IVANA SOARES MÓES

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UM ESTUDO SOBRE A RESPONSABILIDADE
SOCIAL E COLETIVA**

Artigo Científico apresentado à
Faculdade Amadeus como Trabalho
de Conclusão de Curso e requisito
básico para obtenção do título de
Pedagoga

Orientador: Prof. Ma. Carla Daniela
Kohn

**Aracaju – SE
2019**

RESUMO

Ivana Soares Mões¹

O presente estudo intitulado "Violência nas Escolas" pretendeu entender os motivos que vêm causando a violência num ambiente escolar. É cada vez mais comum presenciarmos cenas de violência nos ambientes escolares, no entorno das unidades de ensino, até mesmo dentro das salas de aula, envolvendo alunos, professores e os próprios pais. A escola, que deveria ser um lugar de conhecimento e aprendizagem, muitas vezes tem se tornado um campo de batalha. Diante desse contexto, questiona-se: Como entender os motivos que vêm causando a violência num ambiente escolar? Quais as maneiras mais eficazes de integrar ensino e sociedade na prevenção de casos de violência? É realmente visível o crescimento de casos de violência nos colégios, ou eles sempre existiram, mas só agora, com o acesso fácil às mídias é que estão sendo mais divulgados? O que pode ser feito para minimizar a situação para que não se torne algo pior? Assim, o presente estudo tem como objetivo geral realizar um breve diagnóstico sobre os motivos relacionados ao aumento da violência no ambiente escolar. Para o desenvolvimento dessa pesquisa de cunho qualitativo, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento da temática apoiada em autores como Sampaio, (2012), Gohn (2006), Vieira, (2005) e Vasconcellos (2006) dentre outros, que já escreveram sobre a mesma. Na sequência foram realizadas visitas a uma unidade de ensino e entrevistas com profissionais com larga atuação, bem como com alunos. Concluiu-se que a escola é um ambiente de grande importância na intervenção do ciclo de violência juvenil, mas se faz necessário que toda a equipe técnica esteja preparada para identificar e atuar de maneira adequada sobre esse tipo de situação.

Entretanto, a escola não é o único ator nesse processo: a família também precisa se fortalecer e ser participativa nas ações e discussões escolares, a fim de que possam, juntos, traçar estratégias de acordo com as características culturais da comunidade. Assim, escola, família e estudante estarão em um tripé educacional bem-estruturado. Dito isso, recomenda-se que se façam reuniões, trabalhos educativos em grupos, palestras e capacitações.

Palavras-chave: Violência. Ensino. Escola

ABSTRACT

The present study entitled "Violence in Schools" sought to understand the reasons that have been causing violence in a school environment. For increasing increases in violence in schools has worried researchers around the world. It is increasingly common to witness scenes of violence in school settings, around teaching units, even within classrooms, involving pupils, teachers and the parents themselves. The school, which should be a place of knowledge and learning, has often become a battlefield. Given this context, the question is: How to understand the reasons that have been causing violence in a school environment? What are the most effective ways of integrating education and society in preventing violence? Is it really visible the growth of violence cases in schools, or have they always existed, but only now, with easy

¹Graduanda em Pedagogia, 8º período, Faculdade Amadeus. E-mail: Ivana Soares Mões moesivana@gmail.com

Página 3

Comentado [LZM1]: Escrever as palavras-chave, deixando um espaço de 1,5 após o texto do resumo. Fonte tamanho 12, separadas por ponto. Após dois espaços de 1,5, começar o texto.

access to the media are they being more publicized? What can be done to minimize the situation so that it does not become worse? Thus, the present study has as general objective to make a brief diagnosis about the reasons related to the increase of violence in the school environment. For the development of this qualitative research, a bibliographical research was initially carried out to deepen the theme supported by authors such as Sampaio (2012), Gohn (2006), VIEIRA (2005) and Vasconcellos (2006) among others. Following were visits to a teaching unit and interviews with professionals with broad performance, as well as with students. It was concluded that school is an environment of great importance in the intervention of the cycle of juvenile violence, but it is necessary that all the technical team is prepared to identify and act in an appropriate way on this type of situation. However, the school is not the only actor in this process: the family also needs to be strengthened and participatory in school actions and discussions, so that, together, they can draw strategies according to the cultural characteristics of the community. Thus, school, family and student will be on a well-structured educational tripod. That being said, it is recommended that there be meetings, educational work in groups, lectures and training.

Key words: violence, teaching, school

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2. REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR	7
2.2 VIOLÊNCIA CONTRA O PATRIMÔNIO	10
2.3 IMPORTÂNCIA DA GESTÃO E DO PROFESSOR NA RELAÇÃO VIOLÊNCIA ESCOLAR	11
2.4 INFLUÊNCIA DA MÍDIA	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20
ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS ...	23
ANEXO B – REGISTROS FOTOGRÁFICOS	24

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo intitulado “Violência nas Escolas” pretende entender os motivos que vêm causando a violência num ambiente escolar. O crescente aumento dos casos de violência nas escolas tem preocupado pesquisadores mundo afora: é cada vez mais comum presenciar cenas de violência nos ambientes escolares, no entorno das unidades de ensino, até mesmo dentro das salas de aula, envolvendo alunos, professores e os próprios pais. A escola, que deveria ser um lugar de conhecimento e aprendizagem, muitas vezes se torna um campo de batalha, e isso é naturalizado entre os alunos e ignorado pela gestão. Essa situação tem chamado atenção dos profissionais em todo o mundo, que tentam entender os possíveis motivos relacionados a esse fato.

Compreender como a violência está inserida na sociedade é um ponto importante para o desenvolvimento de políticas de intervenção e prevenção. A violência é um ato que gera um dano físico ou moral a algum ser vivo, e que pode evoluir de simples atitudes a ações mais graves como, por exemplo, a morte, configurando-se como um dos maiores problemas de saúde no planeta. Não importa idade, raça, posição social: a violência pode estar presente em qualquer lugar, inclusive dentro das escolas (MOSCOVICI, 1978). É importante compreender que existem várias formas de manifestação da violência e que todas podem ter consequências diretas na formação pessoal e nas relações humanas.

Escrevendo sobre a violência escolar, Candau (2001) declara que ela pode acontecer por meios físicos, morais e psicológicos. Na opinião da autora, a violência é a negação do outro indivíduo. O desrespeito é uma relação conflituosa que pode acontecer em qualquer local, a qualquer hora e que se tornou um problema cultural, bastante relacionado com a globalização e a violência no resto do mundo. Na última década, a violência nas escolas tem preocupado o poder público e toda sociedade, principalmente, pela forma e local como tem se configurado: um ambiente social em que os jovens estão experimentando, isto é, estão aprendendo a conviver com as diferenças, a viver em sociedade.

O grande problema é que a violência tem tomado proporções inaceitáveis. Crianças, jovens e adultos transformam-se em vítimas e em algozes, numa relação conflituosa e doentia. Os mais jovens estão assustados e, muitas vezes, associam a

violência a “ser respeitado” em sala de aula. Os professores estão angustiados, com medo, pois nunca se sabe o que pode acontecer no cotidiano escolar; os pais, por sua vez, vivem preocupados. Não é raro os jornais noticiarem situações de violência nas escolas, dos mais diversos tipos e gravidades, e isto tem se tornado, principalmente no Brasil, algo cada vez mais frequente. A violência atinge a vida e a integridade física das pessoas, e muitas vezes não se sabe o que fazer para contornar esse desafio. Causando dor e sofrimento, a agressão viola os direitos humanos e coloca obstáculos à igualdade de gêneros (LIMA, BUCHELE e CLÍMACO, 2008).

Considerando o exposto, percebe-se a necessidade de incluir a gestão da escola, enquanto representante social, como um agente no processo educacional da comunidade como um todo, de modo a buscar soluções para minimizar os casos de violência envolvendo a famílias atendidas. Cita-se, por exemplo, a troca de conhecimentos adquiridos, o incentivo ao diálogo entre pais e filhos e a oferta de palestras ou outras formas de se trabalhar para que os alunos entendam seu papel como protagonistas do comportamento social saudável.

Gestão Democrática na escola pública é um processo por meio do qual decisões são tomadas, encaminhamentos são realizados, ações são executadas, acompanhadas, fiscalizadas e avaliadas coletivamente, isto é, com a efetiva participação de todos os segmentos da comunidade escolar (SEDUC, 2012, p. 7).

Diante desse contexto, questiona-se: Como entender os motivos que vêm causando a violência num ambiente escolar? Quais as maneiras mais eficazes de integrar ensino e sociedade na prevenção de casos de violência? É realmente visível o crescimento de casos de violência nos colégios, ou eles sempre existiram, mas só agora, com o acesso fácil às mídias é que estão sendo mais divulgados? O que pode ser feito para minimizar a situação para que não se torne algo pior?

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral realizar um breve diagnóstico sobre os motivos relacionados ao aumento da violência no ambiente escolar. Seguido dos objetivos específicos como: adquirir o conhecimento para que a parte gestora, junto com os pais, possa decidir ações de intervenção efetivas no processo educacional; entender como a mídia tem influenciado na evolução do crescimento de casos de violência nas escolas; conhecer possíveis soluções para minimizar a situação a fim de que não se torne algo pior.

Justifica-se a escolha desta temática pois a violência é uma situação bastante preocupante, e entender os motivos que vêm causando uma agressão num ambiente escolar pode auxiliar no enfrentamento, seja através da promoção de atividades sociais ou com a promoção de medidas que contribuam para a segurança pública e as relações pessoais dentro da escola.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa de cunho qualitativo, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento da temática apoiada em autores como Sampaio, (2012), Gohn (2006), VIEIRA, (2005) e Vasconcellos (2006) dentre outros, que já escreveram sobre a mesma. Na sequência foram realizadas visitas a uma unidade de ensino e entrevistas com profissionais com larga atuação, bem como com alunos. Assim, foi possível analisar a percepção dos mesmos sobre o crescimento da violência nos locais de ensino.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência escolar se configura como um tema bastante difícil de discutir pois abrange muitos mais aspectos do que somente a indisciplina nesses ambientes. Pode-se dizer que a violência está inserida em um contexto sociocultural. Vários fatores estão ligados aos casos de violência: sociais, financeiros, interpessoais. Além disso, mesmo dentro das escolas, as relações de poder se impõem como parte fundamental no processo de formação social.

Segundo o Dicionário Houaiss (2001), violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra alguém; violento, crueldade, força”. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação” (HOUAISS; VILLAR. FRANCO, 2001.p.11).

A Organização Mundial da Saúde, por sua vez, define violência como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Portanto, a violência é um ato que gera um dano físico ou moral a algum ser vivo, e que pode evoluir de simples atitudes a ações mais graves como, por exemplo, a morte, e configura-se como um dos maiores problemas de saúde no planeta. De acordo com Melo, mais de

1.6 milhão de mortes/ano e mais de 16 milhões de internações hospitalares/ ano são causadas pela violência; mais de 4.000 pessoas morrem, por dia, por homicídio ou suicídio (MELO, 2010). No Brasil, foram registrados 62.517 homicídios no ano de 2016, segundo dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018).

Uma das vertentes da violência ocorre nas escolas e outras unidades de ensino. Para Stelko-Pereira e Williams (2010, p.22-23) “definir a violência escolar é uma tarefa difícil, pois o que geralmente se entende por violência depende de aspectos culturais, históricos e individuais”. Embora muitas vezes os parâmetros de comparação não estejam bem definidos, é cada vez mais visível o aumento dos casos de violência nestes locais, seja entre alunos ou com os profissionais da área.

A violência não é uma coisa nova para as pessoas: a sociedade convive com as suas diversas “faces” desde os primórdios da humanidade. Entretanto, hoje se tem uma dimensão muito maior dos casos, pois as políticas de segurança e saúde pública estimulam a denúncia por parte da vítima. As mídias também colaboram para que os casos sejam mais divulgados: todos os dias, denúncias são relatadas por rádio, televisão e demais meios de tecnologia (FRAGA, 2002).

Existem várias maneiras da violência se manifestar, tanto dentro quanto fora das escolas: humilhações públicas, *bullying*, preconceitos, assédios e agressões físicas, entre outras. Quando se observa a dinâmica da escola como uma fatia da sociedade, percebe-se que o ciclo de violência é contínuo e ininterrupto. Assim, os atos vão se reproduzindo e espalhando-se de maneira incontrolável, precisando apenas de um gatilho. Por exemplo, um aluno submetido a uma situação dolorosa e violenta em casa acaba por reproduzi-la no ambiente escolar como forma de desabafo, seja contra um colega ou contra um dos profissionais que o assiste. Em consequência, se a escola é despreparada para lidar com esse tipo de ocorrência, o indivíduo acaba apenas por ser rejeitado, sem que os motivos reais do seu problema sejam resolvidos.

Por isso, na maioria das vezes, esses estudantes se isolam mais um dos outros, sem ter uma orientação profissional adequada para desabafar. Esse fenômeno independe de classe social, mas está mais relacionado às classes mais baixas, onde há maior deficiência em políticas públicas. Embora seja um grande problema para os

órgãos educacionais, é um fato bastante naturalizado dentro das unidades de ensino, por vezes considerado “invisível”, devido à cadeia do medo.

O combate à violência começa em casa. É necessário que os pais cumpram com o dever de educar os seus filhos, para que eles se tornem, futuramente, uma pessoa ética, com moral, religiosa, buscando, a partir disso, eles possam respeitar e valorizar ao próximo no ambiente escolar. O apoio à criação do jovem deve vir junto com os profissionais do ambiente escolar, com função de diversificar vários métodos de ensino, de discussão e convivência, a fim de que todos possam viver em um ambiente saudável. Além disso, é necessário entender que a violência não acontece só nas escolas públicas, como é entendimento comum. Muitos casos ocorrem em escolas particulares, mas geralmente são omitidos pela gestão.

De acordo com Abramovay, Cunha e Calaf, “as instâncias da escola e da família correspondem a duas agências socializadoras e interdependentes: ambas assumem funções educativas que algumas vezes se confundem e outras se sobrepõem”. Segundo Sayão & Aquino (2006). É preciso entender que a relação família-escola se caracteriza pela interdependência. Se uma das partes deixa de funcionar bem, a outra será atingida. Ao falar sobre essa integração, os autores indicam que a aproximação dos familiares com a instituição escolar pode derivar no fortalecimento de uma ação conjunta para tratar das eventualidades cotidianas, as quais muitas vezes atingem as duas esferas e a elas imprime uma série de dificuldades. Afirmam, ainda, que abordar essas múltiplas agências é, assim, uma condição necessária para se estabelecer um canal efetivo de comunicação e diálogo (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006.p.67).

Charlot (2005, p 127) sublinha que é preciso fazer uma diferenciação entre violência na escola, violência à escola e a violência da escola. A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligado à natureza e às atividades da instituição escolar. Por exemplo, quando um bando entra na escola para acertar contas e disputas, a escola é apenas o lugar de uma violência que poderia ter acontecido em qualquer outro local. A violência à escola visa à instituição e aqueles que a representam. Ela acontece quando os alunos depredam a escola, insultam professores e funcionários. Junto com essa violência contra a instituição escolar, deve ser analisada a violência da escola, ou seja, uma violência institucional, simbólica, das relações de poder entre professores e alunos, além de atos considerados pelos alunos

como injustos ou racistas. Assim sendo, para fins de conceituação, a violência é considerada nessa pesquisa como todo dano (físico psicológico ou moral) que se impõe a pessoas ou grupos.

De acordo com Salter (1949, apud DEL PRETTE, 2005) as habilidades sociais passaram a ser mais pesquisadas, porque estão relacionadas com o desempenho das crianças, sendo respeitado o pai da terapia comportamental. Por volta dos anos de 1950 este pesquisador aprofundou seus estudos no que se a expressividade verbal e facial. Mostrando que quanto mais crianças e adolescentes tem um bom relacionamento social, com pais sempre presentes na vida escolar dos filhos, mais eles têm chances de adquirir autoconhecimento e ter mais habilidades e desenvolvimento no seu aprendizado. Dentro desse contexto o autor conclui que a violência se manifesta no comportamento de cada criança e jovens através da indisciplina no ambiente escolar, o papel da escola é procurar conversar com seus alunos para poder entender e compreender o que está ocorrendo na vida deles, quais os motivos que levam aos seus alunos tomarem decisões tão agressivas. Nesse ponto, torna-se essencial a atuação de gestores, pais e professores a fim de buscar soluções para minimizar a situação.

Dito isso, faz-se necessário entender como a violência é percebida por quem frequenta o ambiente escolar: quais os impactos para a convivência social e para o aprendizado? Como a violência se manifesta no dia-a-dia e qual o papel da escola no combate a essa situação? É preciso ouvir os diferentes autores envolvidos no processo de educação para mapear a violência nesse espaço e, assim, determinar as melhores maneiras de intervenção.

2.2 VIOLÊNCIA CONTRA O PATRIMÔNIO

De acordo com a Lei Federal nº 4717/65, que regula a ação popular, considera-se patrimônio público o conjunto de bens e direitos de valor econômico, artístico, estético, histórico ou turístico, pertencentes às entidades de administração pública (BRASIL, 1965). De modo geral, esses bens estão integrados ao desenvolvimento da comunidade e fazem parte da história, sendo de extrema importância a sua preservação. Entretanto, o que se observa é que os patrimônios públicos, como são mais acessíveis, estão mais sujeitos à depredação. Com as escolas não é diferente.

Basta frequentar esses locais para observar a destruição dos bens de forma intencional, e não apenas em consequência do desgaste natural. Nesses casos, a banalização da violência contribui para tornar o patrimônio ainda mais susceptível a “ataques”. Entende-se que esse tipo de comportamento se configura como uma forma específica de um indivíduo extravasar sentimentos e repressões.

Em um ciclo de violência, o espaço físico acaba sendo bastante afetado. A violência começa a se manifestar em casa ou entre parentes mais próximos. Como a escola representa um ambiente de integração social, muitas crianças e adolescentes que testemunham ou são vítimas de casos de agressão, física e/ou psicológica, reproduzem nesse espaço as sensações que viveram, tornando-se reclusas. Como forma de desabafo, algumas descontam suas frustrações e raivas nos bens materiais do local, pichando paredes, danificando salas de aula, etc. Esse comportamento futuramente pode atrapalhar o seu aprendizado; além disso, é importante ressaltar que, segundo a Constituição Federal, danos ao patrimônio são considerados crime.

Os problemas enfrentados pelas populações periféricas, pautadas na desigualdade social, no crescimento da organização criminosa e no enfraquecimento dos laços sociais (ZALUAR, 2002) expressam o contexto no qual a violência se desenvolve.

2.3 IMPORTÂNCIA DA GESTÃO E DO PROFESSOR NA RELAÇÃO VIOLÊNCIA ESCOLAR

O papel da escola para a sociedade vai muito além do ensino em si. Como dito anteriormente, a escola é um ambiente de convivência no qual os estudantes fortalecem relações pessoais e passam boa parte do seu dia. Seria esperado, então, que o aluno se sentisse integrado a esse universo, mas nem sempre isso ocorre. Cabe aos gestores e demais atores do processo educativo a sensibilidade para perceber em que momento a construção social está falhando. É muito importante que a escola e os professores mantenham relações de confiança com os seus alunos, mostrando-os sua capacidade de fazer mudanças e motivando-os a desenvolver habilidades sociais. O diálogo é parte essencial desse processo. Tanto o professor quanto a escola têm grande importância para que os seus educandos se tornem futuramente grandes cidadãos e também para a sua formação educacional. Entende-se, ainda,

que o papel do professor é orientar os seus alunos sobre valores e socialização, direitos e deveres.

Algumas vezes, um dos motivos que pode causar a violência nas escolas é a ausência de uma relação mais aproximada entre professor e aluno. Segundo Pimenta (2005), faz-se necessário compreender com a opinião do professor reflexivo, pois o que parece estar acontecendo é que o termo se tornou mais um esclarecimento da moda, do que uma meta de modificação por acaso. Como a criança ou adolescente pode não ter noção da gravidade que os problemas relacionados à violência podem causar, cabe ao professor orientá-lo sobre isso.

Para Libâneo (2005), é fundamental perguntar: que tipo de reflexão o professor deve fazer para modificar seu aprendizado, pois para ele o pensamento sobre a técnica não define tudo, a experiência raciocinada não decide tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, atitudes de fazer, além de uma natural cultura geral, que defendem o mais perfeito objetivo de suas tarefas e aperfeiçoar a capacidade reflexiva sobre o que, e como vai transformar.

Já para Dayrell (1996), na relação entre professor e aluno, existe uma troca de conhecimento, onde o professor ensina os seus conhecimentos de tudo que aprendeu e também aprende com o que seus educandos, através de leituras, pesquisas e outras maneiras de sempre estar adquirindo cada vez mais seus conhecimentos.

Abramovay *et al.* (2004, p. 94) afirmam que alguns diretores precisam demonstrar “preocupação em criar condições de participação de toda a comunidade escolar no planejamento de ações” que coíbem a violência, pois somente com essa parceria eles poderão ter êxito. A falta de segurança e o aumento da violência preocupam todos componentes da escola, independente das funções que desempenham. Por isso, Ruotti, Alves e Cubas (2006) destacam a importância da presença do policial nas escolas como uma possibilidade de resgate da segurança. Entretanto, além do trabalho do diretor e do policial no combate e prevenção da violência, Zaluar (2002) reforça que é necessária a cooperação da comunidade escolar, pois somente com essa participação conjunta, a escola obterá avanços contra a violência.

Mais nem sempre a presença dos policiais ou da mídia no ambiente escolar pode ser bom ou não, pois, os alunos podem ficar incomodados com a presença, e

começam a agredir aos alunos e funcionários da escola, e acabam sendo vítimas, e a partir daí amigos e familiares perdem pessoas que sejam muito importantes para ela.

2.4 INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Atualmente, utiliza-se a tecnologia para todas as funções sociais e nem sempre os conteúdos são positivos. Entretanto, é através da mídia que a população tem acesso ao mundo real – e, na maior parte das vezes, as informações são disponibilizadas sem filtro. Assim, é possível encontrar inúmeros conteúdos sobre qualquer tema, banalizando a segurança e favorecendo ainda mais a ocorrência de casos de violência. Pode-se citar casos extremamente divulgados na mídia – invasões e ataques às escolas, noticiados incessantemente, do fato até as investigações e punições.

Para Andrade (2007) a influência a mídia, digital e/ou impressa, na divulgação da violência tem se tornado preocupação dentro das escolas. Ao tornar acessível esse tipo de informações, questiona-se: até que ponto a veiculação de notícias serve como inspiração para outros casos, e não como fator de conscientização?

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos a seguir os resultados desta pesquisa de cunho qualitativo, realizada na Escola José Rollemberg Leite, localizada na Rua Natal, bairro José Conrado de Araújo, Aracaju (SE).

Nessa unidade, fui recebida pelos professores Sergio e Richardson Batalha, do 9º ano que responderam a um questionário sobre a violência, composto das seguintes questões:

Ambos professores confirmaram a existência da violência dentro da escola, relatando que os atos mais comuns são as agressões físicas (eventual) e psicológicas, e que as consequências dessa violência são aversão aos estudos e mudança de comportamentos para agressivo ou introspectivo.

Arendt (2009) nos leva a compreender que é por meio das palavras e das ações que as experiências humanas ganham sentido. É o sentido que torna possível aos homens construir a vida e a sua atuação no mundo dos humanos. Dessa forma, Arendt, ao refletir sobre as causas da violência, nos ensina que:

A diminuição do poder, seja individual, coletivo ou institucional é sempre um fator que pode levar à violência” [...] muito da presente glorificação da violência é causada pela severa frustração da faculdade de ação do mundo moderno” (ARENDR, 2009, p.62).

Também concordaram ao responder que as medidas tomadas pela a escola para evitar a violência em forma de trabalho pedagógico preventivo são conversas coletivas ou individuais e projetos pedagógicos voltados para o tema, desenvolvidos ao longo do ano letivo de forma contínua, com presença dos pais e instituição com o Conselho Tutelar, palestras e conversas.

A escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva que deverá existir em casa. É na escola que se deve conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc.

Na escola deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas e respeito ao próximo. É de extrema importância o estudo da relação família/escola, onde o educador/professor se esmera em considerar o educando, não perdendo de vista a globalidade da pessoa, percebendo que, o jovem, quando ingressa na rede escolar, não deixa de ser filho, irmão, amigo, etc.

A necessidade de se construir uma relação entre escola e família, deve ser para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando/filho tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola. De acordo com Pereira (2008, p.29), “a Relação entre a Escola e a Família tem vindo a ser alvo de todo um conjunto de atenções: através de notícias nos meios de comunicação, de discursos de políticos, da divulgação de projetos de investigação e de nova legislação”.

Já o professor Richardson do 9º ano afirmou ter presenciado por várias vezes cenas de brigas em sala. Infelizmente é uma cena comum, ficando o professor refém do processo. Ele disse também já ter sido ameaçado de morte e teve que ser transferido de escola, tudo porque o aluno disse “que eu parecia com um playboy”. Para minimizar a situação e a consequência disto foi que ele pediu transferência de escola.

Nos últimos anos, professores de escolas públicas e privadas tem sido alvo de agressões físicas, verbais e psicológicas que direta ou indiretamente, influenciam em sua motivação profissional em sala de

aula, contribuindo dessa forma, para uma educação de baixa qualidade, desanimando os professores e conseqüentemente, afetando sua prática e desqualificando um dos objetivos da escola que é o ensino e aprendizagem dos alunos. (SOUZA, 2007, p. 2).

Souza (2007) acredita que a violência que ocorre nas escolas, principalmente contra professores que atuam no ensino médio e fundamental constitui uma das causas para que a educação brasileira não apresente qualidade compatível com a de países desenvolvidos.

Entendeu-se que é muito importante todos trabalharem juntos, compreendendo a sociedade, e que tudo nessa vida para uma ação sempre há uma reação, e que é preciso ter a consciência da importância dos vínculos afetivos e sociais

Mas é preciso que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos. É preciso, por outro lado, “reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. (FREIRE, 1996, p. 161).

Também foi feito um questionário com três alunos: Jefferson da Silva 8º B, Matheus Henrique e Ruan Matheus do 1º ano A. (Ambos entre 16 e 18 anos de idade). As respostas estão destacadas em itálico e transcritas exatamente como respondidas pelos estudantes.

Sobre a primeira pergunta: **Qual seria a definição de desrespeito?**

Resposta de Jefferson: *porque muitas pessoas são incapazes de respeitar o próximo.*

Resposta de Matheus: *Por falta de estrutura familiar*

Resposta de Ruan: *Por falta de estrutura familiar. Ela tem que ter a consciência.*

Freire (2000) afirma que “Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros”.

Em relação à segunda pergunta: **Qual seria a definição de respeito?**

Resposta de Jefferson: *Ele fala que respeito é aquilo que você tem que ter com o próximo ou com as pessoas mais velhas.*

Resposta de Matheus: *que o respeito é quando você trata uma pessoa bem e quando você também é recebido com carinho pelas pessoas.*

Resposta de Ruan: *Ter dedicação.*

Especificamente, neste caso, a DUDH (Declaração Universal dos Direitos Humanos) coloca que “os direitos humanos estão fundados na relação de pessoa a pessoa, relação essa de igualdade” (CANIVEZ, 1991, p.89).

Explicando melhor, os direitos humanos, como direitos dos outros são, também, direitos de cada um, individualmente, e de todos, coletivamente. O direito à sexualidade, como condição de liberdade, manifestada no estudante não pode ser proclamada de forma independente, individual. Requer o conhecimento próprio e do outro, que por sua vez, também é detentor de tais direitos. Respeitar o outro é respeitar a si mesmo, enquanto ato e efeito praticado em sala de aula. (CANIVEZ, 1991, p.94)

Em relação a terceira pergunta: Sobre Auto- Controle? As respostas foram as seguintes:

Resposta de Jefferson: *Disse que é a falta de professor.*

Resposta de Matheus: *Auto controle se vê na moralidade a outra pessoa.*

Resposta de Ruan: *Sempre buscando ser uma pessoa melhor e ser confiante.*

Skinner (2000, apud NICO 2001), ao definir pela primeira vez o conceito de autocontrole em seu livro "Ciência e Comportamento Humano", diz que:

Com frequência o indivíduo vem a controlar parte de seu próprio comportamento quando uma resposta tem consequências que provocam conflitos - quando leva tanto a reforço positivo quanto a negativo. O comportamento de autocontrole está diretamente relacionado a uma escolha de respostas concorrentes: pode ser que o indivíduo tenha que escolher entre duas respostas que levem a consequências com o mesmo valor, ou a uma resposta que seja reforçada imediatamente e punida em longo prazo, ou vice-e-versa. Isto implica que o comportamento de autocontrole vai ser caracterizado como aquele decorrente de contingências conflitantes, nas quais o indivíduo tenha que escolher entre duas respostas que têm diferentes consequências. Exposto desta forma, o autocontrole pode ser inicialmente definido como a manipulação do ambiente, por uma pessoa, de maneira a alterar seu próprio comportamento em função de uma determinada consequência. (Skinner, 2000, apud Nico 2001, citados por Cruz, 2016)

Em relação à quarta pergunta: O que são atitudes desrespeitosas?

Resposta de Matheus: *Desrespeito um pelo outro e a falta de desentendimento acaba a levar uma horrível conversa e uma briga, muitos alunos aguentam o desrespeito por não terem certas características como às vezes usar óculos.*

Resposta de Ruan: *Certos alunos não respeitam a vez dos colegas e furam fila, desrespeitando o amigo.*

OBS: Jefferson não respondeu à esta pergunta.

Pode-se então relacionar as atitudes desrespeitosas quando alguns comportamentos extrapolam os limites pré-determinados socialmente gerando situações conflituosas.

Em síntese, quando se discutem os limites com as classes, argumentando que eles existem para o bem comum, o quadro de indisciplina focalizado torna-se menos complexo e problemático. Quando o educador experiente e preparado para lidar com estas situações, combina os limites que ele e as classes devem observar e os observa após tê-los acordado, os limites deixam de ser imposição para se tornarem combinados. Mesmo nos casos de desacerto, o educador laborioso avalia sua prática no sentido de adequá-la à nova situação. Neste sentido, concordamos que a indisciplina do aluno “pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções” (AQUINO, 1998, p. 201).

Em relação a quinta pergunta: **o que vocês acham sobre a culpa dos pais?**

Resposta de Jefferson: *Não concordo.*

Resposta de Matheus: *Não concordo.*

Resposta de Ruan: *Depende da situação.*

Com palavras inteligentes, os pais transformam cada momento num espetáculo solene. Com um amor maduro, os pais transformam cada minuto numa eternidade. Usando, portanto, suas palavras, seu amor, os pais podem mudar o mundo quando mudam o mundo de seus filhos. (CURY, 2016, p. 22)

Ainda Cury (2016, p. 22) compartilha da mesma ideia, enfatizando que “Ansiedade é um estado de tensão que nos impele, motiva, anima, provoca reações [...] primordialmente é saudável. Sem ela, teríamos uma mente engessada, encarcerada pela mesmice, vítima do tédio”. Então, a ansiedade auxilia na busca de

novos conhecimentos e saberes, na construção de relacionamentos sociais, impedindo a pessoa de ficar numa zona de conforto.

Em relação a sexta pergunta: **O que mais irrita vocês?**

Resposta de Jefferson: *e o que mais irrita é a falta de respeito que os alunos tem.*

Resposta de Matheus: *Com a falta de colaboração ao ir na frente apresentar algo, variam de pessoas que respeitam e outras não.*

Resposta de Ruan: *Certos alunos não respeitam a vez dos colegas e furando fila, desrespeitando o amigo.*

Epicteto (2013) vê vantagem quando alguém consegue irrita-lo, como podemos perceber em sua fala “Qualquer pessoa capaz de te irritar se torna teu mestre; ela consegue te irritar somente quando você se permite ser perturbado por ele.”

Em relação a sétima pergunta: **Isso representa uma falta de controle emocional por parte dos alunos?**

Resposta de Jefferson: *Sim. Porque em todas as escolas existem intrigas entre alunos*

Resposta de Ruan: *Geralmente, as brigas não são nem o aluno ou o indivíduo que causam, e sim seus companheiros criando falsas histórias para poder verem algum conflito desnecessário.*

Obs: O aluno Matheus não respondeu a esta pergunta.

Educação emocional é reconhecer e aprender a lidar com as emoções. Não se trata de controle e sim de contato, percepção. Cuidar de si significa ocupar-se consigo, estar atento, observar-se, perceber-se. Um aprendizado de si mesmo; exercícios constantes de autoconhecimento que nos levam a uma maior consciência sobre como estamos, como reagimos, e como sentimos. É mais leve lidar com aquilo que conhecemos (SCABORA, 2019. p.34).

Em relação a oitava pergunta: **atualmente, você acha que existe respeito entre alunos e professores na escola?**

Resposta de Jefferson: *Eu não acho, eu tenho certeza que pode existir respeito entre alunos e professores.*

Resposta de Matheus: *Sim, o professor é o guia que levará o aluno a crescer então cada um entende a sua grande importância que tem na sua vida, então sempre o respeito é um ato natural entre aluno e professor.*

Resposta de Ruan: *Existe sim, não tem coisa melhor do que o respeito entre um aluno e um professor*

“Verdades da Profissão de Professor

Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. A data é um convite para que todos, pais, alunos, sociedade, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas demonstramos o compromisso com a educação que queremos. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.” (FREIRE, 1996.p.47)

É muito importante que as pessoas comecem a falar mais sobre a violência, e comecem a enxergar que não tem motivos, para muitas violências que isso não leva a lugar nenhum. Nós aprendemos o que nos é ensinado, mas, ninguém decide por nós, nós sabemos o que é certo ou errado, então não podemos colocar a culpa nos outros. Portanto só nós podemos mudar o mundo, pois para diminuir a violência, precisamos primeiramente nos dar valor, e saber respeitar o próximo, porque sem o respeito ao próximo nunca vamos mudar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações obtidas no estudo, concluiu-se que a escola é um ambiente de grande importância na intervenção do ciclo de violência juvenil, mas se faz necessário que toda a equipe técnica esteja preparada para identificar e atuar de maneira adequada sobre esse tipo de situação.

Conforme visualizado através das respostas dos voluntários para esta pesquisa, percebe-se a importância de se reforçar a educação e a integração escola-

sociedade. Individualmente, não se tem poder para interferir diretamente nos problemas, que são generalizados. Entretanto, a escola não é o único ator nesse processo: compreende-se que todos os atores são importantes no combate à violência no espaço escolar. A família também precisa se fortalecer e ser participativa nas ações e discussões escolares, a fim de que possam, juntos, traçar estratégias de acordo com as características culturais da comunidade. Assim, escola, família e estudante estarão em um tripé educacional bem-estruturado.

É preciso ressaltar que a percepção de todos indica o aumento dos casos de violência no ambiente escolar, em todas as suas formas. Cada dia mais se observa a banalização da violência no espaço que deveria ser destinado para a formação da comunidade, e isso se torna um ciclo vicioso, aumentando ainda mais os impactos da violência. As crianças crescem entendendo que esse tipo de comportamento é normal e, por isso, reproduzem-no em várias oportunidades durante o seu desenvolvimento. Como forma de intervenção, faz-se necessário identificar os principais pilares e agir sobre eles. Com o apoio do corpo escolar, composto por profissionais das mais diversas áreas, esse processo pode ser facilitado e naturalizado, rompendo as barreiras negativas e propondo medidas fáceis e práticas para que a base da sociedade se fortaleça. Dito isso, recomenda-se que a escola entenda o seu papel na construção social e, assim, façam-se reuniões, trabalhos educativos em grupos, palestras e capacitações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Ana Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de informação Tecnológica Latino-Americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal- SEEDF, 2009.

ABRAMOVAY, Miriam; e RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2004.

ANDRADE, A. **Uso(s) das novas tecnologias em um programa de formação de professores: possibilidades, controle e apropriações**. 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AQUINO, J.G. A indisciplina e a escola atual. *Revista da Faculdade de Educação - USP*. São Paulo, V. 24, n.2, 181-204, 1998

ARENDDT, HANNAH. **Sobre a violência**. Trad. André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRASIL- **Lei 4717, de 29 de junho de 1965. Palácio do planalto. Regula a ação popular**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4717.htm. Acesso em 17/05/2018

BRASIL. **Atlas da Violência**. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada em parceria com o FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf.

CANDAU, Vera Maria *et al.* **Escola e violência**. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o Cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CRUZ, Robson Nascimento da; Uma introdução ao conceito de autocontrole proposto pela análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. vol. 8, nº 1. São Paulo. Jun, 2006.

CURY, Augusto. **ANSIEDADE 2 - Autocontrole - Como controlar o estresse e manter o equilíbrio**. Editora Benvirá. 2016.

DAYRELL, J. **A escola como espaço na escola: uma abordagem histórica**. In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-161

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE; DEL PRETTE, Z. A. P. (2005). **Perguntas (im)pertinentes sobre a área de habilidades sociais**. In: J. H. Guilhardi & N. C. Aguirre (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade*, 16, 5-13. Santo André: ESETec.

EPICETETO. **Ensinaamentos de Epicteto**. Site. Disponível em <http://paxprofundis.org/livros/epicteto/epicteto.htm>

FRAGA, Paulo Denisar. Violência: forma de dilaceramento do ser social. *Revista Serviço Social e Sociedade*. Ano XXIII, nº70 – Julho de 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 2006, vol. 4, n. 50.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, Daniel Costa, BUCHELE, Fátima, CLÍMACO, Danilo de Assis. Homens, gênero e violência contra a mulher. **Saúde Soc**. São Paulo, v.17, n.2, p.69-81, 2008. Literatura consultada. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/7578/9100>;

MELO, Elza Machado. **Podemos prevenir a violência**. Série: Promoção de Saúde e Prevenção da Violência. Organização Pan-Americana da Saúde II. Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília DF. 2010. Disponível para consulta em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/podemos_prevenir_violencia.pdf.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NICO, Yara Claro. **A Contribuição de B.F. Skinner Para o Ensino do Autocontrole como objetivo da educação**. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. São Paulo. 2001.

PEREIRA, M. (2008). **A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso**. Universidade de Málaga.

PIMENTA, S. G. (Org.) **Professor Reflexivo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; e CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para os pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SALTER, A.. **Conditioned Reflex Therapy**. Farrar, Straus and Giroux. New York, 1949.

SAMPAIO, Talita Leite. **A importância da relação família e escola na formação do aluno**. Monografia, 54 fl. Faculdade Cearense, Curso de Pedagogia. Ceará. 2012.

SCABORA, MARY. **O cuidado de si como prática de vida**. Página de internet. Disponível em <https://scabora.com.br/o-cuidado-de-si-como-pratica-de-vida-2/>

SEDUC – Secretaria de Educação. **Conselho Escolar**. 3 ed. Teresina, 2012.

Skinner, B.F. (2000). *Ciência e comportamento Humano*. Tradução de J. C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).

SOUZA, Jadir Cirqueira de. Refém da violência escolar: como reagir?. Uberlândia-MG, 2007, Disponível em < <http://www.justitia.com.br/artigos/1d04db.pdf> >. Acesso em 15/04/2012

STELKO-PEREIRA, A. C., WILLIAMS, L. C. A. **Sobre o conceito de violência: distinções necessárias**. 2010. In Williams, L. C. A., Rios, K. e Maia, J. M. S. Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo- Comportamental. (pp. 41-66). Campinas: ESETEC.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**, 6.^a ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação e gestão: extraindo significados da base legal**. In. CEARÁ. SEDUC. Novos Paradigmas de gestão escolar. Fortaleza: Edições SEDUC, 2005, p. 7 – 20.

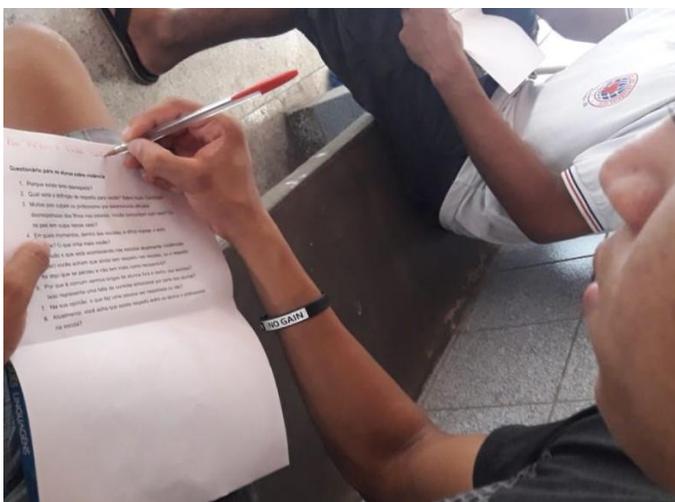
ZALUAR, Alba. Oito **Temas para debate Violência e Segurança Pública**. Sociologia, Problemas e Práticas, n. 38, p. 19-24, dez. 2002.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

ANEXO B – REGISTROS FOTOGRÁFICOS

1. **Existe violência na escola? Exemplifique.**
2. **Quais são as consequências da violência no ambiente escolar?**
3. **O que a escola está fazendo para evitar a violência no momento dentro do ambiente?**
4. **O que mudou dentro da escola?**
5. **Em quais locais ocorrem os maiores índices de violência nas escolas?**
6. **Como trabalhar a temática da violência física nas escolas?**
7. **Como combater as brigas na escola?**
8. **Quais são as formas mais comuns desta indisciplina?**
9. **A autoridade dos professores dentro da escola diminuiu? De que forma?**
10. **Quais são os relatos e os desabafos mais frequentes? Até hoje, qual impressionou mais?**
11. **Alguma vez já foi observada briga em sala de aula?**
12. **Alguma vez um(a) aluno(a) o ameaçou e o agrediu fisicamente? O que você fez para minimizar a situação?**
13. **Qual foi a consequência disto?**
14. **Já aconteceu de a situação se agravar a ponto de a polícia precisar ser chamada?**
15. **Como os professores e gestores fazem para prevenir a violência na escola?**
16. **Os pais participam das atividades escolares dos professores?**

Figura 1- Aluno Ruan respondendo ao questionário sobre a violência



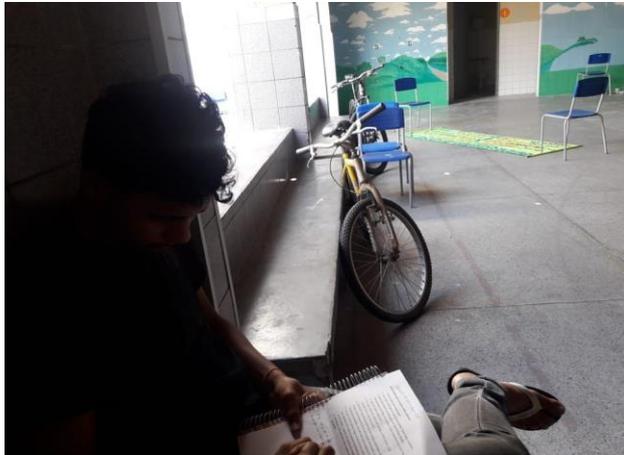
Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 2- Aluno Matheus respondendo ao questionário



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 3- Aluno Jefferson respondendo ao questionário
Figura 4- Aluno Jefferson respondendo ao questionário



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 5 - Alunos Ruan e Matheus do 1º ano A, respondendo ao questionário



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 6 - Eu com o Aluno Matheus



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 7 - Eu com o Aluno Ruan



Fonte: arquivo da pesquisadora